OPEN ACCESS
10.21665/2318-3888.v14n28p7

Ambivalências
revista de antropologia do ppga-ufs

Editorial

Está no ar a 28ª edição da Ambivalências, a sexta sob a regência do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFS. Entre o dossiê e a seção livre, a revista contou com a participação de 26 autoras e autores que assinaram 17 artigos inéditos, sem esquecer 46 pareceristas que dedicaram seu tempo e expertise para garantir a boa qualidade dos trabalhos aceitos. Ao contrário dos números anteriores, não há aqui resumos, traduções ou entrevistas, sendo toda a edição composta por artigos científicos. Não foi um projeto editorial, mas fruto do imponderável: contra as nossas expectativas, não recebemos, como nas chamadas passadas, outros gêneros além do artigo. Outra singularidade deste número tem a ver com a nacionalidade dos autores e instituições: só deu Brasil, e um Brasil majoritária, embora não exclusivamente, nordestino.

No editorial da 27ª edição, lembramos o caráter internacional que vem sendo assumido pela revista. Isso segue verdadeiro, mas precisamos, de novo, nos curvar às circunstâncias. O tema do dossiê, as relações das festas com as cidades, foi o carro-chefe que atraiu uma maioria de trabalhos do Nordeste, contemplando cidades-ícones da festividade popular como Olinda e Campina Grande, expressões como o frevo e o maracatu, e festas como o Carnaval e o São João. Claro, há festas populares no mundo todo. Mas ao lado do peso que tem a rede acadêmica dos organizadores, o dossiê é um importante seletor de nichos de investigação. Curiosamente, a maré regionalista não parou ali. Os quatro autores da seção livre (livres, portanto, da temática festiva) são de instituições brasileiras, três delas nordestinas. Talvez a boa onda nacional tenha a ver com as eleições recentes, em especial o segundo turno, mas aí já beiramos a especulação.

Às vezes, na academia, aderimos com demasiada ligeireza às palavras de ordem das instâncias superiores. A internacionalização é uma delas. O caso é que a Ambivalências, ainda que invista, com muito gosto, na internacionalização de seus autores, colaboradores e leitores, é uma revista brasileira. E, além do mais, é uma revista nordestina. Uma posição decolonial produtiva, altiva, prazerosa e não-chauvinista, passa não só por deglutir o que vem de fora – a velha e boa antropofagia – mas, também, botar para fora o que nasce aqui dentro. O bloco na rua, como se fala por aí. Alberto Caeiro (para citar um poeta europeu) diz que o Tejo – seja ele ou não mais belo que o rio que corre pela minha aldeia – definitivamente "não é o rio que corre pela minha aldeia".

Aracaju, 14 de novembro de 2026

Beto Vianna